



ESCOLA DE SAÚDE E BEM-ESTAR  
BACHARELADO EM ENFERMAGEM  
DANIELE FRANCISCO DE SOUZA

**A ATUAÇÃO DO ENFERMEIRO NA ASSISTÊNCIA À CRIANÇA COM  
TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA**

Porto Alegre

2023



FACULDADE DE CIÊNCIAS DA SAÚDE  
BACHARELADO EM ENFERMAGEM  
DANIELE FRANCISCO DE SOUZA

**A ATUAÇÃO DO ENFERMEIRO NA ASSISTÊNCIA À CRIANÇA COM  
TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA**

Projeto de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Centro Universitário FADERGS como parte das exigências para obtenção do título de bacharel em Enfermagem.

**Orientador:** Fabiana Faria Gieger

Porto Alegre  
2023

**LISTA DE TABELAS**

<b>Tabela 1</b> – Resultados da intervenção integrativa.....	12
--	----

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

<b>AMA</b>	Associação Amigos do Autista
<b>APS</b>	Atenção Primária à Saúde
<b>BVS</b>	Biblioteca Virtual em Saúde
<b>BDTD</b>	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
<b>CAPES</b>	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
<b>CAPSIJ</b>	Centro de Atenção Psicossocial Infantojuvenil
<b>CAPS</b>	Centro de Atenção Psicossocial
<b>CF</b>	Clínica da Família
<b>COREN-SP</b>	Conselho Regional de Enfermagem do Estado de São Paulo
<b>CSC</b>	Caderneta de Saúde da Criança
<b>DECS</b>	Descritores em Ciências da Saúde
<b>DI</b>	Desenvolvimento Infantil
<b>DSM-V</b>	Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais
<b>ESF</b>	Equipe de Saúde da Família
<b>IRDI</b>	Índice de Risco ao Desenvolvimento Infantil
<b>M-CHAT R</b>	Modified Checklist for Autism in Toddlers-Revised
<b>NANDA-I</b>	Associação Norte Americana de Diagnósticos de Enfermagem
<b>NIC</b>	Classificação de Intervenções de Enfermagem
<b>PA</b>	Pronto Atendimento
<b>PBE</b>	Prática Baseada em Evidência
<b>PTS</b>	Plano Terapêutico Singular
<b>SciELO</b>	Scientific Electronic Library Online
<b>SUS</b>	Sistema Único de Saúde
<b>TEA</b>	Transtorno do Espectro Autista
<b>TPS</b>	Transtorno do Processamento Sensorial
<b>UBS</b>	Unidade Básica de Saúde
<b>UPAs</b>	Unidades de Pronto Atendimento
<b>US</b>	Unidade de Saúde

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>07</b>
<b>2</b>	<b>METODOLOGIA.....</b>	<b>10</b>
<b>3</b>	<b>RESULTADOS.....</b>	<b>11</b>
<b>4</b>	<b>DISCUSSÃO.....</b>	<b>17</b>
<b>5</b>	<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>20</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>21</b>

## RESUMO

**Introdução:** Estima-se hoje que 1 a cada 160 cidadãos têm o Transtorno do Espectro Autista (TEA) no Brasil. Tendo em vista a importância do diagnóstico ser realizado de forma precoce, foram levantadas questões quanto o papel do enfermeiro para a investigação criteriosa do desenvolvimento infantil, além de sua relevância para uma assistência eficaz ao indivíduo. **Objetivos:** Analisar a atuação da enfermagem para avaliar, diagnosticar e intervir no TEA, tendo foco no neurodesenvolvimento do infante; Reunir evidências quanto ao conhecimento científico atual perante o papel do enfermeiro e sua atuação na assistência à criança com TEA **Metodologia:** Revisão integrativa da literatura nas bases de dados Scielo, BVS, CAPES e BDTD, com busca de artigos científicos lançados nos últimos 10 anos na área da enfermagem, através dos descritores “desenvolvimento infantil”, “diagnóstico de enfermagem” e “transtorno do espectro autista”. **Resultados:** Através da busca foram encontrados 247 artigos científicos. Após a leitura dos títulos e resumos foram excluídos aqueles que não responderam à questão norteadora da pesquisa ou os critérios supracitados, restando 11 artigos como amostra final. **Considerações finais:** Ficou expresso com a leitura das pesquisas que a atuação do enfermeiro dá-se em um âmbito diversificado, podendo auxiliar o paciente desde o diagnóstico de TEA até uma realização qualificada de um tratamento a partir de intervenções ao cuidado utilizando de diversos materiais em teorias de enfermagem disponíveis em um âmbito atual.

**DESCRITORES:** Desenvolvimento Infantil; Enfermagem; Transtorno do Espectro Autista

## 1. INTRODUÇÃO

O transtorno do espectro autista (TEA) descrito pelo Manual Diagnóstico e Estatístico dos Transtornos Mentais (DSM-V) passou por diferentes denominações no transcorrer dos anos e a partir de novas descobertas científicas foram feitas diversas modificações conceituais, além da alteração dos indicadores diagnósticos. A primeira descrição foi trazida por Leo Kanner em 1943, onde a partir de uma análise de 11 casos em condições patológicas graves e específicas como a inabilidade do contato afetivo, ecolalia e a estereotipia, os definiu como “Distúrbios autísticos inatos do contato afetivo” (Kanner, 1943, p.34). A partir desse estudo, Kanner referiu uma similaridade com a esquizofrenia infantil, mas identificou o transtorno como algo distinto, relacionando a sua origem desde a gênese do indivíduo, além de aspectos específicos que não encaixariam no reconhecimento do transtorno.

Hoje, temos como principal fonte diagnóstica para o autismo o DSM-V, tal qual caracteriza o transtorno como “quadro clínico onde o usuário demonstra déficits persistentes na comunicação e interação social em múltiplos contextos” (American Psychiatric Association, 2014, p.75) e é classificado a partir de níveis de capacidade de autonomia, sendo eles: 1) Nível 1 - Pouca necessidade de apoio; 2) Nível 2 - Necessidade moderada de apoio; 3) Nível 3 - Necessidade considerável de apoio.

O TEA tem como seu principal sintoma os distúrbios neurológicos, podendo ser visto sinais desde a fase de alactamento. Segundo Brasil (2014), temos como principais indicadores desse déficit as discrepâncias no sistema motor, majoritariamente relacionado ao vigor e coordenação, fragilidades no sistema sensorio, apresentados em forma de hiper-reatividade tátil, e também atuação nos sistemas integrativos, a partir dos reflexos hiperativos. Vemos também atrasos no

desenvolvimento, como apraxia da fala, a hipomodulação afetiva durante o aleitamento materno e a hipovigilância quanto ao ambiente em torno de si.

Apesar das escassas pesquisas relacionadas à prevalência nacional, estima-se que um a cada 160 cidadãos têm TEA no Brasil (ONU, 2022). Tendo em vista a atual falta de dados e a constante atualização científica relacionada ao transtorno, é previsto uma expansão dessa apuração nos próximos anos, tornando prioritária a avaliação do indivíduo a fim de identificar o transtorno e contribuir no processo terapêutico neurocomportamental do mesmo.

Conforme Brasil (2013), é de fundamental importância a vigia do desenvolvimento na criança em seus primeiros anos de vida, pois é nessa etapa em que a pessoa apresenta maior plasticidade neurológica, sendo responsivo a estímulos do ambiente e a intervenções terapêuticas. Segundo Girianelli et al (2023), as características do TEA são analisadas com mais facilidade entre os 12 a 24 meses, mas os sinais podem ser vistos antes da criança completar 1 ano. Com isso, vale frisar a importância de um diagnóstico precoce antes de se apresentar déficits relevantes ao cotidiano do autista, como o Transtorno do Processamento Sensorial (TPS), a inabilidade social, a apraxia ou a ecolalia, por exemplo.

Atualmente, para um acompanhamento integral do usuário, estando incluso seu neurodesenvolvimento, temos como porta de entrada a Atenção Primária à Saúde (APS) conforme nos traz a Portaria Nº 2.436/2017 que regula a Política Nacional de Atenção Básica no âmbito de Sistema Único de Saúde (SUS). Nela temos a representação prioritária da Equipe de Saúde da Família (ESF), sendo ela composto obrigatoriamente por médico, enfermeiro, técnico de enfermagem e agente comunitário. A partir disso, podemos destacar o papel do enfermeiro na atenção à criança no ambiente primário, que é caracterizado principalmente pela sua ação à saúde e desenvolvimento da criança a partir da consulta de enfermagem na Unidade de Saúde (US).

Conforme o Estatuto da Criança e do Adolescente, pela Lei 13.438/2017, todo lactente tem como direito a aplicação de protocolos específicos para a detecção de riscos ao seu desenvolvimento psíquico. A partir disso, atualmente é aplicado a partir da Caderneta de Saúde da Criança (CSC) uma triagem específica para TEA em lactentes nas idades de 9 a 30 meses através da escala Modified Checklist for Autism in Toddlers-Revised (M-CHAT R) que, quando positiva, se torna mandatória

a investigação diagnóstica do TEA a partir do encaminhamento para a equipe multidisciplinar habilitada (Cardoso; Nogueira, 2021).

Para o cuidado ao paciente com TEA, o Ministério da Saúde elaborou um documento denominado “Linha de cuidado para a atenção às pessoas com transtornos do espectro do autismo e suas famílias na Rede de Atenção Psicossocial do Sistema Único de Saúde” (Brasil, 2015). Nele considera-se prioritária a utilização de um Plano Terapêutico Singular (PTS) para o desenvolvimento do paciente, tendo em vista que o autismo se demonstra diferente nos mais diversos aspectos em cada indivíduo. Sendo assim, a equipe profissional de apoio à pessoa autista se faz de maneira individual conforme as necessidades específicas de cada usuário, mas sempre com o foco na multidisciplinaridade do tratamento a fim de evitar o sectarismo e o preconceito de técnicas, sendo assim possível utilizar as particularidades de cada profissão para o benefício do indivíduo.

A partir da Lei do Exercício Profissional N° 7498/86 e o Decreto N° 94406/87, artigo 6, que regulariza a Lei do Exercício Profissional, temos como competência do enfermeiro quanto integrante da equipe multidisciplinar em saúde, a participação da elaboração, execução e avaliação dos planos assistenciais em saúde. Tendo em vista a importância do diagnóstico de TEA de forma precoce, levantaram-se questões quanto o papel do enfermeiro para a investigação criteriosa do neurodesenvolvimento da criança, além de sua relevância para uma assistência eficaz, e por consequência possibilitar o tratamento específico para o indivíduo. Nesse contexto, através de uma pesquisa bibliográfica, temos como objetivos:

Objetivo geral:

- Analisar a atuação da enfermagem para avaliar, diagnosticar e intervir no TEA, tendo foco no neurodesenvolvimento do infante, devido a sua maior plasticidade neurológica e habilidade de adaptação quanto ao ambiente em seu contexto individual e social.

Objetivos específicos:

- Reunir evidências quanto ao conhecimento científico perante o papel do enfermeiro e sua atuação na assistência ao indivíduo com TEA em um contexto atual;
- Validar a importância do diagnóstico e intervenção precoce no autismo.

## 2. METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão integrativa de literatura, que segundo Sousa et al (2010) é um método que visa delinear o conhecimento atual sobre uma temática específica, sendo conduzida a fim de identificar, analisar e sintetizar os resultados sobre o assunto para propiciar uma melhor utilização das evidências elucidadas. De acordo com as autoras, o método constitui-se a partir da Prática Baseada em Evidência (PBE), que se caracteriza por uma abordagem voltada ao ensino fundamentado e baseado na qualidade de evidências, conduzido pela busca de estudos empíricos e teóricos na literatura e sua avaliação crítica, dando assim uma visão ampla à enfermagem sobre a questão em saúde identificada.

Segundo Cooper (1982), a revisão integrativa de pesquisas é colocada em prática a partir de cinco estágios, sendo eles consecutivamente: formulação do problema, onde se é analisado criticamente o contexto do tema a ser aplicado a fim de constituir um ponto a ser questionado; coleta de dados, onde a partir do problema encontrado, é elaborado critérios definidores para a pesquisa científica e assim identificando quais os estudos correspondem à resolução do problema investigado ; avaliação dos dados, onde se é realizado uma análise crítica dos resultados encontrados nos devidos estudos; análise e interpretação dos dados coletados, que segundo Ganong (1987) pode ser realizado de forma qualitativa ou quantitativa, a depender dos critérios do estudo; e a apresentação pública dos dados, sendo feito a partir da documentação dos resultados da revisão integrativa.

Para a primeira etapa, foi definida como tema a responsabilidade do profissional de enfermagem perante o diagnóstico e tratamento da criança com TEA. Sendo assim, a questão norteadora para a pesquisa foi “Qual a atuação do enfermeiro em frente a suspeita de Transtorno do Espectro Autista na criança?”.

Como parte do segundo estágio, foi realizado um levantamento bibliográfico, tendo como critérios de inclusão condizer com o tema e população abordada, a partir da presença das palavras chaves no título, resumo ou introdução. Para isso, foi utilizado os seguintes descritores: desenvolvimento infantil; enfermagem; transtorno do espectro autista. Foram considerados apenas artigos em português e inglês disponível nas plataformas eletrônicas *Scientific Eletronic Library Online* (SciELO), Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), o portal da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e

Dissertações (BDTD) lançados no período máximo de 10 anos, sendo excluídos trabalhos duplicados e que não correspondam com a questão norteadora, bem como artigos de revisão da literatura.

Para a terceira etapa, que é resumida em uma avaliação dos dados, foi elaborada uma tabela síntese (Tabela 01) constituída por autoria, identificação do artigo, objetivo do estudo, metodologia e resultados obtidos. Os artigos encontrados foram enumerados conforme ordem de localização, não sendo considerado seu nível de relevância.

Na quarta etapa, foi utilizada uma interpretação qualitativa, trazendo uma análise sobre os resultados obtidos a fim de relacionar as diferenças e semelhanças dos estudos. Para a apresentação da pesquisa, trazido por Cooper (1982) como o quinto estágio na elaboração de uma revisão integrativa, foi elaborado como forma de discussão todos os resultados sobre o tema definido, a fim de sanear a questão norteadora.

### **3. RESULTADOS**

A busca da literatura ocorreu nas bases de dados SciELO, BVS, portal da CAPES e a plataforma BDTD, com busca de artigos científicos disponíveis gratuitamente lançados no período de 2013 a 2023 e na área da enfermagem, através dos descritores “desenvolvimento infantil” *AND* “diagnóstico de enfermagem” *AND* “transtorno do espectro autista”, extraídos dos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS). Excluíram-se trabalhos incompletos, privados, repetidos e que não apresentavam as palavras chaves no título, resumo ou introdução.

A partir dos descritores, foram localizados 87 artigos na plataforma digital da SciELO e destes 4 foram selecionados a partir dos critérios anteriormente mencionados. Já na BVS foram encontrados 71 resultados, sendo anteposto apenas 2. Enquanto isso, na plataforma da CAPES foram obtidos 23 resultados sendo selecionado 4 e, por fim, na plataforma BDTD foram encontrados 77 resultados, sendo seletos apenas 1 artigo científico. A revisão foi realizada no período de outubro a novembro de 2023, onde foram encontrados o total de 258 artigos científicos, sendo descartados 247 artigos por serem duplicados ou não cumprirem os critérios supracitados, totalizando 11 artigos científicos eleitos à análise.

Tabela 1 – Resultados da intervenção integrativa

Autor (ano)	Identificação do artigo	Objetivo	Intervenção (método)	Resultado principal
Melo, NP. <i>et al</i> (2022).	Validação clínica do diagnóstico de enfermagem “Risco de atraso no desenvolvimento infantil.	Realizar a validação clínica dos fatores de risco do diagnóstico de Enfermagem “Risco de atraso no desenvolvimento infantil” da Associação Norte Americana de Diagnósticos de Enfermagem (NANDA-I), além de testar as medidas de acurácia e a associação dos fatores de risco ao diagnóstico proposto.	Estudo quantitativo não experimental a partir da amostra de 124 crianças de 0 a 3 anos, sendo elas 59 do ambulatório de especialidades e 65 da atenção primária à saúde. Foi realizado um questionário aos pais e/ou responsáveis, a partir da CSC, relacionado às variáveis alavancadas como fatores de risco ao diagnóstico proposto.	Com base na CSC, as classificações das crianças tiveram um marco para o desenvolvimento presente em 99 crianças (79,8%), enquanto o grupo com marcos para o desenvolvimento ausentes foi de 25 crianças (20,2%). A partir disso, teve como resultado da pesquisa, ainda que com suas limitações, a validação do diagnóstico de atraso no desenvolvimento infantil (DI), firmando assim a capacitação do profissional de enfermagem no DI.
Franzoi, MAH. <i>et al</i> (2015).	Intervenção musical como estratégia de cuidado de enfermagem a crianças com transtorno do espectro do autismo em um Centro de Atenção Psicossocial.	Analisar o efeito da utilização da música como recurso terapêutico de cuidado em enfermagem conforme previsto pela Classificação de intervenções de enfermagem (NIC) às crianças com TEA em um Centro	Relato de experiência de um projeto de intervenção semipresencial na prática profissional desenvolvido pelos autores durante uma especialização em linhas de cuidado em enfermagem na	A partir da análise da intervenção, os autores concluíram que são necessários novos estudos e investigações que contribuam com a ampliação da utilização da música como recurso terapêutico no cuidado em enfermagem, tendo em vista que a intervenção resultou em

		de Atenção Psicossocial (CAPS).	área de Atenção Psicossocial promovido pela Universidade Federal de Santa Catarina.	um avanço terapêutico ao inserir uma experiência lúdica, sensorial e motora ao indivíduo com TEA.
Jerônimo, TGZ. et al (2023).	Assistência do enfermeiro a crianças e adolescentes com transtorno do espectro autista.	Apreender a representação dos enfermeiros sobre a singularidade da assistência a crianças/adolescentes com Transtorno de Espectro Autista nos Centros de Atenção Psicossocial Infantojuvenil (CAPSIJ).	Estudo exploratório de natureza qualitativa. Entrevista com cinco enfermeiros graduados há pelo menos 3 anos, atuantes em CAPSIJ há pelo menos 6 meses e cursando especialização em saúde mental.	Entre os resultados da pesquisa, focam-se nas dificuldades dos profissionais, tais quais podem ser atenuadas por meio de ações educativas tanto no processo oficial de formação de enfermagem quanto por meio da educação permanente em saúde, preconizando-se a consideração do tema TEA em ambos.
Rodrigues, PMS. et al (2017).	Autocuidado da criança com espectro autista por meio das <i>Social Stories</i> .	Aplicar e analisar o processo de enfermagem da teoria do autocuidado, de Dorothea Orem, e utilizar a <i>Social Stories</i> como ferramenta de aprendizagem aliada à teoria do autocuidado pela criança com Transtorno do Espectro Autista.	Estudo qualitativo, descritivo, prospectivo, caso único de uma criança diagnosticada com Síndrome de Asperger. O referencial teórico-metodológico utilizado fundamentou-se na Teoria de Enfermagem do autocuidado de Dorothea Orem, composta por três constructos teóricos: a teoria do	Após as intervenções, foi observado um aumento da capacidade de autocuidado da criança, que se tornou sujeito ativo no provimento do seu autocuidado. Ilustrou formas de cuidados possíveis no espaço domiciliar, em que a associação da Teoria de Orem com a <i>Social Stories</i> apresentou-se como uma estratégia efetiva no estímulo ao autocuidado pela criança e contribuiu para a inovação do cuidado

			autocuidado, teoria do déficit do autocuidado e a teoria dos sistemas de enfermagem.	na enfermagem.
Pitz, ISC. <i>et al</i> (2021).	Indicadores para triagem do transtorno do espectro autista e sua aplicabilidade na consulta de puericultura: conhecimento das enfermeiras.	Considerando os limitados estudos relacionados à temática, esta pesquisa teve como objetivo descrever o conhecimento da enfermeira da Estratégia da Saúde da Família sobre indicadores para a triagem do TEA e sua experiência na aplicabilidade prática na consulta de puericultura.	Pesquisa descritiva de abordagem qualitativa estruturada. Foram entrevistadas individualmente nove enfermeiras da equipe de ESF e que realizavam a consulta de puericultura. Além disso, fora utilizado um diário de campo para o acompanhamento das consultas de puericultura com a utilização de Indicadores de Risco ao Desenvolvimento Infantil (IRDI).	Concluiu-se que as enfermeiras identificam na criança sinais de alterações no desenvolvimento infantil em suas consultas de puericultura. Relatam dificuldades para conceituar o autismo e desconhecem os instrumentos de triagem precoce para Transtorno do Espectro Autista. A aplicabilidade dos IRDIs foi descrita pelas enfermeiras, quando oportunizado neste estudo, de fácil utilização e importante para a triagem precoce do TEA nas consultas de puericultura.
Sandri, JVA. <i>et al</i> (2022).	Cuidado à pessoa com transtorno do espectro do autismo e sua família em pronto atendimento.	Analisar a atuação dos enfermeiros na assistência a pessoas com TEA, bem como às suas famílias, em Unidades de Pronto Atendimento (UPAs).	Pesquisa exploratória, descritiva, com abordagem qualitativa, realizada por meio de entrevistas semiestruturadas e audiogravadas, à onze enfermeiros atuantes em UPAs.	Evidenciou-se que os profissionais enfermeiros possuem conhecimento genérico acerca do TEA e de suas características, sendo evidente a importância da família como elo entre o paciente e a equipe e como fonte de informações acerca do paciente. Aponta-se a

				necessidade de maior abordagem do TEA durante a formação profissional dos enfermeiros, bem como capacitações e atualizações desses profissionais no que tange à prestação de cuidado a esses pacientes.
Oliveira, ARP. <i>et al</i> (2023).	Detecção precoce dos sinais de alerta do autismo nas consultas de puericultura pelos enfermeiros.	Descrever as percepções de enfermeiros sobre detecção precoce dos sinais de alerta do TEA nas consultas de puericultura.	Estudo exploratório e qualitativo feito a partir da entrevista com 27 enfermeiros pós-graduados, atuantes em 12 Clínicas da Família (CF) no Rio de Janeiro, e que realizam consulta de puericultura.	Fora observado que as consultas de puericultura permitiram a relação interpessoal entre enfermeiros, crianças e famílias, especialmente em relação à detecção de sinais de alerta de transtornos do desenvolvimento, como o autismo. Além disso, a experiência dos enfermeiros que atuam nesse contexto contribuiu para um olhar mais atento e cuidadoso com possibilidades de diagnóstico e intervenção precoce.
Almeida, AP. <i>et al</i> (2017).	O registro do crescimento e desenvolvimento da criança na caderneta de saúde.	Verificar o registro do crescimento e desenvolvimento da criança na caderneta de saúde, no primeiro ano de vida.	Estudo quantitativo, descritivo, transversal de análise documental, realizado com 229 cadernetas de saúde, coletadas em 10 Centros	Nenhum dos marcos de desenvolvimento teve mais do que 12% de preenchimento. Concluiu-se que é imprescindível o acompanhamento do desenvolvimento maturativo, psicomotor, social e psicoafetivo de

			Municipais de Educação Infantil de um município do sul de Minas Gerais.	cada criança, devendo o enfermeiro aproveitar a consulta pediátrica para a observação dos marcos do desenvolvimento.
Soeltl, SB. <i>et al</i> (2020).	O conhecimento da equipe de enfermagem acerca dos transtornos autísticos em crianças à luz da teoria do cuidado humano.	Analisar, com base nos princípios abordados na Teoria do Cuidado Humano, o conhecimento da equipe de enfermagem acerca do TEA e a abordagem do tema durante a formação profissional.	Estudo descritivo, de abordagem qualitativa, que adotou a Teoria do Cuidado Humano de Jean Watson como referencial teórico. Foram realizadas dez entrevistas semiestruturadas com os profissionais da equipe de enfermagem de uma Unidade Básica de Saúde-Escola da Região do ABC Paulista em maio de 2019.	Os profissionais de enfermagem não estão preparados para atuar na assistência da criança com TEA. O tema é pouco abordado durante sua formação, fazendo com que os profissionais se sintam inseguros e incapazes de prestar assistência a essa criança e sua família.
Sena, RCF. <i>et al</i> (2015).	Prática e conhecimento dos enfermeiros sobre o autismo infantil.	Analisar a prática e o conhecimento dos enfermeiros da Estratégia Saúde da Família acerca do TEA.	Pesquisa exploratória, com abordagem qualitativa, a partir de entrevista semiestruturada com quinze enfermeiros.	Evidenciou-se insegurança e fragilidade no conhecimento dos enfermeiros sobre TEA em virtude de não terem conseguido definir autismo nem demonstrado vivência com pessoas autistas e relaram a inexistência de capacitações voltadas para o tema exposto.

Murari, Silvia Cristiane. (2014).	Identificação precoce do Transtorno do Espectro Autista por meio da Puericultura em uma Unidade Básica de Saúde.	Investigar se um programa de vigilância do desenvolvimento infantil de um serviço público como o das Unidades Básicas de Saúde (UBS) se constitui meio apropriado para a identificação precoce de sinais de TEA.	Avaliação dos protocolos de orientação à prática profissional no atendimento de puericultura, tipos de registros contidos em quarenta e cinco prontuários de crianças de >15 dias a 24 meses, a formação e conhecimento de 1 pediatra, 2 enfermeiros e 7 auxiliares de enfermagem em relação à anamnese e interação com a criança em atendimentos de puericultura.	Avaliou-se necessário realizar aprimoramentos em todas as instâncias avaliadas, como a inclusão no protocolo de novas orientações aos profissionais, especialmente em relação ao desenvolvimento social e de linguagem, por exemplo.
-----------------------------------	--	--	--	--

#### 4. DISCUSSÃO

A partir de dados obtidos pela Associação de Amigos do Autista (AMA), foi visto no período de 2011 a 2012 a prevalência de 1,2 milhões de pessoas diagnosticadas com TEA no Brasil. Já em 2017, o Censo da Educação Básica no Brasil relata que o número de alunos com TEA matriculadas nas escolas básicas brasileiras era de 77.102 crianças e adolescentes, tendo a contagem de 105.842 alunos com autismo no ano seguinte, sendo assim um aumento significativo de 37,27% (Pitz, ISC. et al, 2021). Com as taxas de prevalência de TEA cada vez mais altas, mostra-se inquestionável a relevância de estudos e pesquisas na área, a fim de proporcionar à criança atípica não apenas um diagnóstico, mas também um desdobramento estratégico de intervenções preventivas.

Conforme afirma Murari (2014), a detecção precoce dos sinais de TEA podem ser cruciais no prognóstico e qualidade de vida do paciente e sua família, pois diminui o tempo de espera no diagnóstico e tratamento, tendo assim menor impacto emocional e financeiro no âmbito familiar do indivíduo autista. A partir disso, levantaram-se questões relacionadas ao papel dos profissionais da saúde perante o quadro neuroatípico, e quais os dispositivos que temos disponíveis hoje para a atuação à assistência ao TEA enquanto enfermeiros a fim de auxiliar no processo de desenvolvimento desse paciente.

Por ser um transtorno com bases multifatoriais, a avaliação da criança com suspeita de TEA se faz de modo multidisciplinar, onde se abrange cada caso de forma individual, sendo normalmente traçado um PTS para melhor desenvolvimento do infante. O objetivo da avaliação da criança não se faz apenas para fins diagnósticos, mas também para identificar a capacidade dessa criança e de sua família perante o mesmo, pois é um fator essencial para o tratamento eficaz enquanto pessoa com espectro autista (Soeltl, SB. *et al*, 2020, p.02).

Para devidos fins, Melo *et al* (2022) traz a afirmativa da competência do enfermeiro ao diagnosticar o risco de atraso do desenvolvimento infantil a partir de uma pesquisa clínica onde fora comprovado cientificamente a eficácia do processo de análise dos profissionais de enfermagem a partir da comparação de resultados obtidos no diagnóstico de enfermagem “risco de atraso do desenvolvimento infantil” da taxonomia do NANDA-I com o diagnóstico multidisciplinar padrão ouro, o qual seria o preenchimento da CSC. A partir disso os autores afirmam que a avaliação da criança tem como proposta não apenas proporcionar habilidades, mas também frisar os riscos do atraso do neurodesenvolvimento a fim de oportunizar à criança um desenvolvimento integral.

Cônsono ao fato, Almeida *et al* (2017) avaliou a eficácia do preenchimento da CSC de 229 crianças, onde constatou a precariedade da avaliação ao visualizar um preenchimento menor que 12% na área relacionada ao desenvolvimento infantil. A valer, afirma-se a importância da premissa, pois esse processo é um dos eixos de cuidado para a promoção da saúde, sendo assim crucial o cuidado na primeira infância, como estimulação e atenção familiar, para o desenvolvimento da criança. Nesse contexto, Oliveira *et al* (2023) ao entrevistar vinte e sete enfermeiros atuantes em CFs que realizavam a consulta de puericultura, principal fonte de avaliação da criança, além de facilitadora ao diálogo e vínculo com a família do infante na saúde

primária, analisou a eficiência dos marcos do desenvolvimento infantil para a identificação precoce do TEA. Foi trazido aos autores pelos entrevistados que ao identificar possíveis déficits no neurodesenvolvimento do infante os enfermeiros o encaminhavam para avaliação psicológica e, se confirmado o autismo, era realizado outros encaminhamentos para a equipe multiprofissional, conforme necessidade. Relatam também que frequentemente os primeiros indícios do TEA são percebidos pelos enfermeiros, afirmando a importância do conhecimento do transtorno por parte dos profissionais. Apesar dos autores trazerem uma perspectiva positiva quanto à eficácia do diagnóstico de enfermagem ao TEA na prática, Pitz *et al* (2021) por outro lado nos traz um desconhecimento sobre os materiais de triagem e identificação precoce do espectro por parte das nove enfermeiras entrevistadas por eles, onde as mesmas afirmam compreender a importância de analisar a criança a procura de sinais do autismo, mas carecem de instrumentos para auxiliar o olhar clínico na identificação dos marcos de desenvolvimento, sendo o diagnóstico comumente realizado por outros profissionais, como psicólogos ou médicos especialistas. Ao verificar essa carência, os autores utilizaram de uma educação permanente para tutorar as enfermeiras quanto ao uso dos IRDIs, material preconizado nas Diretrizes de Atenção à Reabilitação da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista, onde as profissionais afirmaram a fácil aplicabilidade do material proposto assim como sua relevância na eficácia do atendimento.

Entretanto, o papel do enfermeiro vai muito além de diagnosticar o autismo, como nos traz Franzoi *et al* (2015) ao realizar um manejo direto em pacientes com TEA a partir de intervenção musical, sendo respaldado pelo parecer 025/2010 dado pelo Conselho Regional de Enfermagem do Estado de São Paulo (COREN-SP) onde dita a competência técnica do enfermeiro para a utilização de música como forma de cuidado. Na intervenção realizada, notou-se uma evolução do repertório de fala dos pacientes devido ao uso da ecolalia, comumente vista no transtorno, como auxiliar no aprendizado. Além disso, viu-se uma resposta positiva dos indivíduos quanto à interação social e a relação com seu corpo, onde readaptaram em forma de dança a hiperatividade reflexiva típica.

Relacionado à atuação do enfermeiro na intervenção ao autismo, Rodrigues *et al* (2017) aplicou a teoria do cuidado de Dorothea Orem ao utilizar a ferramenta de aprendizado *Social Stories*, a fim de promover o autocuidado e independência na higiene de uma criança em idade escolar com diagnóstico de TEA. A partir de uma

intervenção individualizada de modo apoio-educação, o profissional auxiliou o paciente a se tornar o protagonista de sua higiene, sendo o sujeito ativo do seu autocuidado ao realizar a higienização de forma independente.

A assistência do enfermeiro é de suma importância para o prognóstico de autismo, mas tem suas complexidades. Jerônimo *et al* (2023) ao realizar uma entrevista com enfermeiros atuantes na área de saúde mental constatou que o tratamento de crianças com TEA é desafiador, pois se trata de um processo lento e muitas vezes estagnado em situações desafiadoras, sendo muitas vezes necessário o uso da criatividade e da capacitação do enfermeiro ao utilizar de seus conhecimentos científicos no processo referente ao cuidado integral da criança com TEA. Corroborando ao fato, Sena *et al* (2015) e Sandri *et al* (2022) indagaram ao total vinte e seis enfermeiros entre profissionais de Pronto Atendimento (PA) e ESFs quanto ao seu conhecimento perante o TEA, além de sua capacitação enquanto profissional para amparar e identificar sinais de autismo. Apesar dos enfermeiros entrevistados demonstrarem um breve conhecimento quanto ao transtorno, ao analisar fora identificado um pré-conceito relacionado ao distúrbio neurológico em ambas as pesquisas, onde os profissionais afirmam apenas identificar o TEA quando a criança demonstra padrões exacerbados de estereotipia ou quando o familiar os alerta da condição, revelando assim a falta de conhecimento sobre toda a base espectral da pessoa autista. Enquanto profissionais admitem compreender a importância desse conhecimento, mas afirmam que em suas unidades de trabalho não existe nenhum protocolo ou fluxograma que os auxiliem para realizar assistência adequada ao TEA. Complementam ao observar que não fora realizado a capacitação necessária enquanto acadêmicos e que o assunto pouco é abordado na área de enfermagem. Essa afirmativa também é notada nas publicações de Soeltl *et al* (2020), Pitz *et al* (2021), Murari (2014) e Jerônimo *et al* (2023).

## 5. CONCLUSÃO

Como nos traz Pitz *et al* (2021), as taxas de prevalência de TEA no país está em uma constante crescente, mostrando-se inquestionável a participação dos profissionais da enfermagem não apenas em diagnosticar, mas também ao atuar em um desdobramento estratégico de intervenções preventivas para tornar o indivíduo

neurodivergente o quão independente for factível ao surgir-se protagonista de suas relações socioambientais

Ao analisar os resultados obtidos nessa pesquisa, vimos que a atuação do enfermeiro dá-se em um âmbito diversificado, podendo auxiliar o indivíduo autista desde o diagnóstico, ao analisar os marcos do desenvolvimento infantil nas consultas de enfermagem do lactente a partir da CSC ou diagnóstico de enfermagem, como trouxeram Melo *et al* (2022), Almeida *et al* (2017), Oliveira *et al* (2023), Murari (2014) e Pitz *et al* (2021), até a realização qualificada de um tratamento a partir de intervenções ao cuidado utilizando de diversos materiais em teorias de enfermagem disponíveis em um âmbito atual, como evidenciaram Franzoi *et al* (2015) e Rodrigues *et al* (2017).

Ademais, como fragilidade do estudo nota-se um baixo índice de artigos científicos relacionados ao tema, mostrando a falta de interesse da área e/ou desconhecimento das qualificações enquanto profissionais de enfermagem. É ponderada a relevância de estudos e pesquisas na área pertinente no intuito de empoderar o profissional da enfermagem sobre sua atuação e expressividade ao proporcionar à criança atípica uma abordagem sistemática e contextualizada em seu neurodesenvolvimento, visando o seu aprimoramento enquanto indivíduo e ser social. Demonstra-se assim a necessidade de maior interesse na base científica sobre o papel do enfermeiro enquanto assistente à saúde no TEA, além da imprescindibilidade de capacitação em todo o âmbito de enfermagem relacionado às possibilidades de atuação em frente ao paciente neurodivergente.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. P. et al. O registro do crescimento e desenvolvimento da criança na caderneta de saúde. *Revista Enfermagem UERJ*, v. 25, p. e16895, 2017.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais: DSM-5. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

BRASIL. Decreto nº 94.406, de 8 de junho de 1987. Regulamenta a Lei nº 7.498, de 25 de junho de 1986, que dispõe sobre o exercício da enfermagem, e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 9 jun. 1987. Seção 1, p. 10336.

BRASIL. Lei nº 7.498, de 25 de junho de 1986. Dispõe sobre a regulamentação do exercício da enfermagem e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 26 jun. 1986. Seção 1, p. 9263.

BRASIL. Lei nº 13.438, de 26 de abril de 2017. Dispõe sobre o direito da criança e do adolescente à convivência familiar e comunitária, altera a Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente), e revoga dispositivos da Lei nº 12.010, de 3 de agosto de 2009 (Lei da Adoção). Diário Oficial da União, Brasília, DF, 27 abr. 2017. Seção 1, p. 1.

BRASIL. Ministério da Saúde. Caderneta de Saúde da Criança. 8. ed. Brasília, 2013.

BRASIL. Ministério da Saúde. Diretrizes de autismo à reabilitação da pessoa com Transtornos do Espectro do Autismo (TEA). Brasília, 2014.

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria Nº 2.436, de 21 de setembro de 2017. Aprova a Política Nacional de Atenção Básica, estabelecendo a revisão de diretrizes para a organização da Atenção Básica, no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS). Diário Oficial da União, Brasília, DF, 22 set. 2017. Seção 1, p. 68-82.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Especializada e Temática. Linha de Cuidado para a Atenção às Pessoas com Transtornos do Espectro do Autismo e Suas Famílias na Rede de Atenção Psicossocial do Sistema Único de Saúde. Brasília: Ministério da Saúde, 2015. P. 74-75.

CARDOSO, Ana Amélia; NOGUEIRA, Maria Luísa Magalhães (org.). Atenção Interdisciplinar ao Autismo. Belo Horizonte: Editora Ampla, 2021.

COOPER, H. M. Scientific guidelines for conducting integrative research reviews. *Review of Educational Research*, v. 52, n. 2, p. 291-302, 1982.

FREIRE, J. M. de S.; NOGUEIRA, G. S. CONSIDERAÇÕES SOBRE A PREVALÊNCIA DO AUTISMO NO BRASIL: UMA REFLEXÃO SOBRE INCLUSÃO E POLÍTICAS PÚBLICAS. *Revista Foco*, v. 16, n. 3, e1225, 2023.

GANONG, L. H. Integrative reviews of nursing research. *Research in Nursing & Health*, New York, v. 10, n. 11, p. 1-11, 1987.

GIRIANELLI, V. R. et al. Diagnóstico precoce do autismo e outros transtornos do desenvolvimento, Brasil, 2013–2019. *Revista Saúde Pública*, v. 57, p. 21, 2023.

JERÔNIMO, T. G. Z.; MAZZAIA, M. C.; VIANA, J. M.; CHISTOFOLINI, D. M. Assistência do enfermeiro(a) a crianças e adolescentes com transtorno do espectro autista. *Acta Paulista De Enfermagem*, v. 36, eAPE030832, 2023.

KANNER, Leo. Autistic disturbances of affective contact. *Nervous Child*, v. 2, p. 217-50, 1942.

MELO, N. P. de; SOUZA, J. M. de; CORDEIRO, S. M.; VERÍSSIMO, M. de L. Ó. R. Clinical validation of the nursing diagnosis "Risk for delayed child development". *Revista Da Escola De Enfermagem Da USP*, v. 56, e20220229, 2022.

MURARI, S. C. Early identification of Autism Spectrum Disorder During Health Care Service Provision at a Basic Health. 2014. 192 f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2014.

OLIVEIRA, A.R.P.; MORAES, J.R.M.M.; CABRAL, I.E. DETECÇÃO PRECOCE DOS SINAIS DE ALERTA DO AUTISMO NAS CONSULTAS DE PEURICULTURA PELOS ENFERMEIROS. *New trends in qualitative research*, V.18, P.E893, 3 out. 2023.

PITZ, Isabela Soter Corrêa; GALLINA, Fernanda; SCHULTZ, Lidiane Ferreira. Indicadores para triagem do transtorno do espectro autista e sua aplicabilidade na consulta de puericultura: conhecimento das enfermeiras / Indicators for screening for autism spectrum disorder and its applicability in childcare consultation: nursing knowledge.

RODRIGUES, P. M. da S.; ALBUQUERQUE, M. C. dos S. de; BRÊDA, M. Z.; BITTENCOURT, I. G. de S.; MELO, G. B. de; LEITE, A. de A. Autocuidado da criança com espectro autista por meio das Social Stories. *Esc Anna Nery*, v. 21, n. 1, e20170022, 2017.

SANDRI, Juliana Vieira de Araújo; PEREIRA, Isabela Antonio; CORRÊA, Thays Gabriela Lemes. Cuidado à pessoa com transtorno do espectro do autismo e sua família em pronto atendimento. *Semina: Ciências Biológicas e da Saúde*, Londrina, v. 43, n. 2, p. 251-262, 2022.

SENA, R. C. F.; REINALDE, E. M.; SILVA, G. W. DOS S.; SOBREIRA, M. V. S. Prática e conhecimento dos enfermeiros sobre o autismo infantil. *Revista de Pesquisa, Cuidado é Fundamental*, v. 7, n. 3, p. 2707, 2015.

SOELTL, Sarah Baffile; FERNANDES, Isabel Cristine; CAMILLO, Simone de Oliveira. O conhecimento da equipe de enfermagem acerca dos transtornos autísticos em crianças à luz da teoria do cuidado humano. *ABCS Health Sciences*, v. 46, p. e021206, 2021.

SOUZA, M. T. DE; SILVA, M. D. DA; CARVALHO, R. DE. Integrative review: what is it? How to do it?. *einstein (São Paulo)*, v. 8, n. 1, p. 102–106, jan. 2010.

FRANZOI, M. A. H.; SANTOS, J. L. G. do; BACKES, V. M. S.; RAMOS, F. R. S. Intervenção musical como estratégia de cuidado de enfermagem a crianças com Transtorno do Espectro do Autismo em um Centro de Atenção Psicossocial. *Texto & Contexto - Enferm*, v. 25, n. 1, e1020015, 2016.